

O TÉDIO

Valter da Rosa Borges

Poderíamos definir o tédio como uma depressão existencial transitória ou permanente. Mas, surpreendentemente é um assunto que não tem merecido a atenção de psicólogos e de filósofos. Por isso, Bertrand Russell observou que “o tédio é um fator no comportamento humano que recebeu, na minha opinião, muito menos atenção do que merece”.

Entediarse é perder o interesse pelo que acontece ao nosso redor e também no mundo inteiro. Quem, algumas vezes, não se entediou? Não se sentiu abúlico? Não se refugiou em si mesmo, para fugir da incômoda presença dos outros?

O tédio é um cansaço situacional, cuja duração pode ser longa ou breve, afetando o nosso modo de perceber as coisas. Ele ocorre em todas as culturas sob diferentes formas. E cada pessoa reage a seu modo nos momentos em que se entedia. Por mais que o entediado queira disfarçar, o seu corpo denuncia o seu estado psicológico.

A monotonia da rotina é uma das causas do tédio. Mas, um acontecimento extremamente agradável ou uma terrível catástrofe pode libertar uma pessoa do tédio. É como se ela despertasse bruscamente do seu sono e reativasse seu interesse pelo mundo exterior.

Observou-se que o tédio não acontecesse nas grandes comoções sociais, principalmente durante os horrores da guerra, quando as pessoas lutam desesperadamente pela sua sobrevivência. As emoções violentas, como o medo continuado e o ódio, parecem ser antídotos naturais e eficientes contra o tédio. No entanto, ele é frequente nos países prósperos, entre as pessoas abastadas e que saciaram os seus desejos. Mais que ninguém, elas precisam de emoções renovadas para não serem acometidas pelo tédio. E, não raramente, o tédio se converte em depressão verdadeira.

O ser humano, em maior ou menor grau, necessita de desafios, de aventuras estimulantes, de comportamentos radicais. É uma espécie de tônico existencial que renova as energias físicas e psíquicas. Porque o tédio é a mumificação, em vida, de uma pessoa, que, antes, já assistira impassível o seu próprio funeral.

Milan Kundera classificou o tédio em três modalidades: o tédio ativo, quando uma pessoa se dedica a um hobby; o tédio passivo, que se revela pelo bocejar frequente de alguém em uma dada situação; o tédio violento, quando a reação a ele se manifesta por atos violentos, praticados geralmente por jovens sem perspectiva social.

Nem todo desejo satisfeito resulta em tédio. É a continuidade rotineira da satisfação que pode resultar em sua saturação.

As pessoas extremamente ocupadas, seja porque gostam do que fazem, seja porque são obrigadas a fazer, são imunes, geralmente, a crises de tédio. Porém, quando alguém atinge a sua meta, pode sentir um vazio existencial, que pode torná-lo predisposto ao tédio. Assim, para fugir dessa ameaça, procuram uma nova meta, a fim de se manterem ocupadas, como vacina preventiva contra a infecção do tédio.

Tem razão Lars Svendsen: “Quando as metas não são alcançadas, o resultado é sofrimento; quando são, o resultado é tédio”.

O misticismo pode ser uma escapatória disfarçada de uma vida tediosa. O misticismo, em alguns casos, produz emoções fortes e as emoções, sejam de que natureza for, são uma defesa segura contra o tédio. Porém, o exagero dessa medicação pode resultar em consequências desastrosas para o corpo e/ou para a mente.

Hölderlin, uma vez, afirmou: “É a glória do homem nunca estar satisfeito”. Não é apenas uma glória, mas uma necessidade do ser humano. A satisfação é o término de um processo que, enquanto dura, mantém a motivação pelo resultado.

A emoção é um forte estimulante que, em doses adequadas, é saudável para a mente e para o corpo. A sua escassez ou o seu excesso é prejudicial ao equilíbrio psicossomático do ser humano. Não é sem razão que Daniel Goleman se referiu a um novo tipo de inteligência: a inteligência emocional. A emoção, em alguns casos, é uma fonte inestimável de criatividade. Que o digam os grandes escritores e artistas.

T.S. Elliot, em certa ocasião, observou: “A espécie humana não tolera muita realidade”. E Lars Svendsen o contraditou: “Mas o oposto também é verdade: o ser humano não tolera muito *pouca* realidade.”

O tédio é uma crise de significado. Uma estase do agir, como se fosse uma paralisia existencial. O mundo continua presente ao entediado, mas ele perdeu o interesse de agir sobre o mundo ou de interagir com ele.

O tédio, portanto, é um dos maiores inimigos do ser humano. Nem sempre podemos evitá-lo, mas temos de ter estratégias adequadas e eficazes para combatê-lo, quando ele nos acomete e nos assedia. O importante é que não fiquemos sitiados por ele.